



A MATEMÁTICA ESTÁ EM TUDO: A EXPERIÊNCIA DE ORGANIZAR UMA FEIRA DE MATEMÁTICA ESCOLAR

Diovanna de Souza Bazerque ¹
Juliana Rodrigues de Carvalho²
Otávia Silva dos Santos ³
Sharon Geneviève Araujo Guedes⁴
Dionara Teresinha da Rosa Aragon ⁵

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência vivenciada durante a realização de uma Feira de Matemática na Escola Municipal de Ensino Fundamental Téo Vaz Obino, no município de Bagé (RS). O evento foi organizado por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e pela professora supervisora que atua na escola. Ocorreu no dia 6 de maio de 2025, sendo precedido por quatro semanas de planejamento e orientações, e foi palco de diversas apresentações de trabalhos produzidos pelos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Com o tema “A matemática está em tudo”, a Feira teve como objetivo promover o ensino da matemática de forma contextualizada e significativa, estimulando as turmas e a comunidade escolar presente a reconhecerem a existência da matemática em diferentes situações do cotidiano. A atividade possibilitou a criação de maquetes, jogos, cartazes e experimentos, além de incentivar a pesquisa e o trabalho em equipe. A metodologia adotada tem natureza qualitativa, com observações das atividades desenvolvidas em sala de aula e durante o evento. O referencial teórico tem fundamentação em autores como Silva (2023), que discute os desafios da aprendizagem matemática causados pela abstração e desmotivação dos alunos; Ramos (2022) que defende o uso de metodologias ativas para o desenvolvimento da autonomia e protagonismo estudantil; e Chaves (2025) que fala sobre a importância da interdisciplinaridade no ensino da matemática, já que ao tratar sobre temas como sustentabilidade, tecnologia, profissões e culinária, os alunos adentraram em diferentes áreas do saber, como ciências e geografia. Os resultados obtidos mostram que a proposta contribuiu para o aprendizado dos alunos e para a formação docente dos bolsistas, sendo uma prática pedagógica eficaz para aproximar a matemática com a realidade dos estudantes e torná-la mais encantadora.

¹ Graduanda do Curso de **Licenciatura em Matemática** da Universidade Federal do Pampa- Unipampa, diovannabazerque.aluno@unipampa.edu.br

² Graduanda do Curso de **Licenciatura em Matemática** da Universidade Federal do Pampa- Unipampa julianardc.aluno@unipampa.edu.br

³ Graduanda pelo Curso de **Licenciatura em Matemática** da Universidade Federal do Pampa- Unipampa, otaviasantos.aluno@unipampa.edu.br ;

⁴ Mestre pelo Curso de Ensino de Ciências da Universidade Federal do Pampa - RS, sharon.guedes@gmail.com ;

⁵ Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Rio Grande- RS, dionaraaragon@unipampa.edu.br .





Palavras-chave: Feira de Matemática, Ensino Contextualizado, Interdisciplinaridade, Metodologia Ativa, PIBID.

INTRODUÇÃO

A matemática está em tudo, ela se faz presente em diversos aspectos do nosso cotidiano: seja ao preparar uma receita, planejar a construção de uma casa, comparar preços no mercado, medir a dosagem de um remédio e até ao montar um computador. São aspectos como esses que os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Téo Vaz Obino exploraram na Feira de Matemática, realizada no dia 06 de maio de 2025, no município de Bagé (RS).

O presente relato tem como objetivo descrever a experiência de participar diretamente da organização desse evento, desde a orientação dos trabalhos até a sua execução, no Dia Nacional da Matemática. Os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculados ao subprojeto de Matemática/campus Bagé, colaboraram na realização da feira juntamente com a professora de matemática e supervisora do PIBID na escola. Todo o seu desenvolvimento foi pensado com o intuito de estimular os alunos a enxergarem a matemática para além de um conjunto de cálculos e fórmulas, reconhecendo-a como uma disciplina que pode ser dinâmica, concreta e de extrema importância no cotidiano.

As Feiras de Matemática no Brasil originaram-se na cidade de Blumenau (SC), em 1985. A primeira delas foi idealizada por docentes da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) e, segundo Zermiani (2002) *apud* Noviski, Avi e Avi (2017), a feira tinha como objetivos:

[...] despertar nos alunos, maior interesse pela aprendizagem de matemática; proporcionar maior integração da matemática com as demais disciplinas; promover intercâmbio de experiências pedagógicas e contribuir para a inovação de metodologias; transformar a matemática em ciência descoberta pelo aluno, ao invés de ser imposta pelo professor; expor à comunidade educacional, material instrucional para o ensino de matemática; implementar o desenvolvimento de atividades necessárias à confecção e utilização de material instrucional; tornar claros, tanto o alcance, quanto as limitações do chamado “material instrucional”; Chamar a atenção para a necessidade, cada vez maior, de integração vertical e horizontal do ensino de matemática (ZERMIANI, 2002, p. 53 *apud* NOVISKI; AVI; AVI, 2017, s.p).





Nossa proposta se fundamentou com base nos objetivos dos idealizadores da primeira Feira de Matemática no Brasil, pois reconhecemos a importância de ampliar os métodos de ensino e torná-lo contextualizado. Para o grupo do PIBID, elementos como despertar o interesse dos alunos, promover a interdisciplinaridade e incentivar a construção do conhecimento de forma ativa, são aspectos cruciais para uma aprendizagem significativa. Ao planejar e executar nossa Feira, procuramos atender a esses objetivos e às demandas atuais do processo de ensino.

Portanto, o relato dessa experiência justifica-se pela relevância de compartilhar práticas pedagógicas que valorizam o protagonismo dos alunos e o ensino de matemática de forma relacionada ao cotidiano. Em cenários como o atual na educação brasileira, onde a matemática ainda é vista por muitos como uma disciplina abstrata e distante de suas realidades, projetos como a Feira de Matemática contribuem para transformar essa visão, e mostram que a matemática, de fato, está presente em diversas situações.

A seguir, serão apresentados detalhes sobre o evento. Para isso, serão destacadas as etapas do planejamento, as estratégias adotadas, os temas trabalhados e a participação dos alunos. Mais ainda, uma reflexão sobre os resultados dessa atividade no processo de ensino e aprendizagem da matemática com as turmas, também como os impactos na formação docente dos Pibidianos, que tiveram uma enriquecedora oportunidade de desenvolver habilidades pedagógicas e, conhecer, de maneira breve, os desafios e as potencialidades da docência.

METODOLOGIA

A Feira de Matemática foi organizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Téo Vaz Obino, na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul. A escola está localizada na parte central da cidade, atendendo também alunos vindos dos bairros da sua periferia. A organização ficou sob responsabilidade do grupo do PIBID da Matemática, que conta com a professora supervisora e oito pibidianos, sendo quatro destes atuando nas turmas dos anos finais do turno da manhã e os outros quatro atuando nas turmas dos anos finais da tarde da escola. A feira teve seu processo dividido em quatro etapas: planejamento, orientação, produção dos trabalhos e apresentação.

Na fase de planejamento, a professora, a direção da escola e os pibidianos receberam o tema da feira, que foi definido pela Secretaria Municipal da Educação (SMED). O tema proposto foi “A matemática está em tudo”, que serviu como um convite para os alunos perceberem situações, objetos e outros diferentes contextos do dia a dia em que a matemática aparece. Após isso, todos se reuniram para idealizar o evento: os pibidianos ficaram





responsáveis por pensar em temas pré-definidos para trabalhar com cada turma, levando em consideração a dinâmica de cada uma delas. Ficou definido que, no turno da tarde, a turma do 6º ano trabalharia a Matemática nas Profissões, a do 8º ano Matemática nas Tecnologias e a turma do 9º ano trabalharia Matemática na Culinária.

Para a organização dos trabalhos as turmas foram divididas em grupos de três a cinco alunos e, dentro de cada tema, foi sorteado um subtema específico para cada grupo. No 6º ano, foram trabalhados os seguintes temas: Matemática na Medicina, Matemática na Biologia, Matemática na Engenharia e Matemática na Astronomia. Já no 8º ano, os subtemas foram: Matemática nos Computadores, Matemática nas Televisões, Matemática nos Relógios e Matemática nos Carros. Por fim, no 9º ano, cada grupo recebeu uma receita para realizar e enxergar a matemática envolvida: panquecas, pizza, bolo de cenoura e bolo de chocolate.

Enquanto isso, no turno da manhã, com as turmas do 6º, 7º e 9º ano, a equipe de organização dividiu os alunos em grupos de quatro a cinco integrantes, e escolheram os seguintes tópicos: para o 6º ano, Matemática e Alimentação; para o 7º ano, Matemática nas Profissões; e para o 9º ano, Matemática e Sustentabilidade. Assim como no turno da tarde, o subtópico de cada grupo foi definido por meio de um sorteio. No 6º ano, foram eles: Análise Nutricional, Valores de Produtos, Média dos Alimentos, Criando uma Receita Original e Pizzas (frações). No 7º ano, os alunos abordaram os seguintes subtópicos, relacionados às profissões: Medidas Gerais (Pedreiro), Música (Cantor), Logística, Agricultor (hectares) e Comerciante. No 9º ano, finalmente, trabalharam os subtópicos: Estatística da Água, Estatística da Luz, Calculando distâncias (escalas, medidas e trajetos), Tempo estimado no telefone e Diferença entre carros elétricos e gasolina. A partir desse momento, com os grupos formados e os temas e subtemas definidos, iniciou-se a etapa de orientação.

Adentrando nessa fase, as orientações ocorreram semanalmente, durante 4 semanas. Primeiramente, os alunos receberam auxílio para começar suas pesquisas e pensar em como apresentar seus projetos. Foram orientados a pesquisar individualmente sobre o assunto e levar para a sala de aula na próxima orientação, para debaterem o que entenderam e contribuir com os colegas. Esse processo continuou até que tivessem uma pesquisa completa e satisfatória. Os integrantes do PIBID acompanharam toda a etapa, dando dicas, tirando dúvidas e ajudando cada grupo a desenvolver suas ideias.

Na etapa de produção, os grupos prepararam seus trabalhos: elaboraram cartazes, construíram maquetes, realizaram experiências, criaram jogos e outras atividades. Muitos usaram materiais recicláveis e recursos simples, mostrando criatividade e trabalho em equipe;





os alunos que confeccionaram cartazes, utilizaram o material da escola. A matemática foi apresentada junto com outras áreas do saber, tais como ciências e geografia.

No dia da apresentação, contando com a presença da comunidade escolar, os alunos expuseram seus projetos para colegas, professores, familiares e visitantes, explicando o que aprenderam e como aplicaram a matemática em diferentes situações do cotidiano. A feira foi realizada no saguão da escola, utilizando as classes e cadeiras das salas de aula. Os trabalhos do turno da tarde foram avaliados pelos integrantes do PIBID que atuam pela manhã, para garantir imparcialidade, assim como, os trabalhos da manhã foram avaliados pelos pibidianos que atuam no turno da tarde. O grupo utilizou fichas de avaliação que conceituavam o material apresentado, a apresentação oral e também a participação em sala de aula, sendo este último critério avaliado pelos integrantes de seus respectivos turnos.

Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida sob o método da abordagem qualitativa, com características de pesquisa-ação, pois, além de descrever as ações realizadas, buscou experimentar um processo de ensino-aprendizagem com práticas diferenciadas, propondo atividades que estimulam o pensamento crítico, autonomia dos alunos e a interdisciplinaridade.

Uma pesquisa qualitativa, segundo Cardano (2017) *apud* Lunetta *et al.* (2025) é uma abordagem que se dedica a investigar os aspectos subjetivos dos fenômenos sociais e do comportamento humano. A pesquisa-ação, por sua vez, sendo um tipo de pesquisa qualitativa, envolve, de acordo com Lunetta *et al.* (2025), a participação ativa dos pesquisadores e dos sujeitos envolvidos no problema em questão, nesse caso, os alunos que construíram e apresentaram trabalhos. Por meio da metodologia escolhida, é possível analisar o desenvolvimento e engajamento dos alunos durante o projeto. Além disso, pode-se observar os impactos da ação na formação docente dos bolsistas do PIBID, que tiveram uma grande oportunidade de vivenciar a prática da profissão em contato direto com a realidade escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Matemática sempre esteve por trás de situações e contextos que nos rodeiam. Apesar disso, ainda é frequentemente ensinada nas escolas apenas por meio de situações-problema fantasiosas, cálculos de áreas de figuras complexas, interpretação de dados estatísticos fictícios e por vezes descontextualizados, de modo a ser vista por alguns como distante e desinteressante. Entretanto, a matemática, segundo Vilela (2016) *apud* Pereira (2021), desempenha um papel vital em todos os aspectos da vida, em questões cotidianas, como rastreamento de tempo, condução, culinária ou trabalhos como contabilidade.





Segundo Silva (2023), a maioria dos alunos de ensino básico tem dificuldade com a matemática ensinada em sala de aula e, dentre os principais empecilhos, os motivos são: dificuldade de decorar fórmulas e dificuldade de relacionar o conteúdo da aula com as situações do “mundo real”. Diante desse cenário, surge a necessidade de evidenciar aos alunos, através de práticas de ensino, que a matemática também é concreta e que não é preciso somente decorar fórmulas.

A Educação Matemática, de acordo com Chaves e Santos (2025), quando ensinada levando em conta a dimensão cultural dos alunos, é sinônimo de um avanço significativo no entendimento do processo de ensino e aprendizagem. Nesse viés, projetos como a Feira de Matemática desenvolvida na escola Téo Obino representou uma oportunidade de realizar essa aproximação do conteúdo e do contexto social dos alunos, pois, ao trabalharem sobre temas como “Matemática e Sustentabilidade”, “Matemática nas Profissões”, “Matemática na Culinária” e “Matemática nas Tecnologias”, perceberam que os conhecimentos trabalhados em sala de aula também fazem sentido fora dela, já que mesmo aplicando conceitos como os de proporcionalidade, porcentagem, medidas de áreas e volumes, frações, escala, estatística e entre outros, eles os utilizam para resolver problemas reais do dia a dia.

Além de possibilitar essa aproximação, eventos dessa natureza também são uma chance de explorar a interdisciplinaridade, que, segundo Costa *et al.* (2021) é uma abordagem que integra conteúdos de duas ou mais disciplinas, com o objetivo de aprofundar a compreensão dos alunos quanto a estes tópicos. No dia da Feira, assim como nos que a antecederam, os alunos foram convidados a reunir conceitos da matemática junto com conceitos de outras áreas do saber, como ciências, geografia, biologia e até artes, durante a construção de seus materiais de apresentação. Dessa forma, foi demonstrado que o conhecimento não é isolado, mas sim conectado. Segundo Lorenzato (2006) *apud* Chaves e Santos (2025), a matemática não deve ser vista como um saber isolado, mas como um todo que dialoga com outras disciplinas; e, por meio desse diálogo, o processo de ensino e aprendizagem se torna enriquecedor.

Para mais, a Feira de Matemática também é um espaço capaz de promover a aprendizagem ativa pelos alunos. De acordo com Ramos (2022), métodos ativos de ensino contribuem para o desenvolvimento cognitivo dos educandos, uma vez que os métodos tradicionais, que envolvem aulas expositivas em que o professor é o centro, já não são suficientes para uma construção de conhecimento bem estruturada, devido à desmotivação dos alunos. Nesse cenário, ao pesquisar, debater, produzir e apresentar seus projetos, os estudantes se tornaram protagonistas do processo educativo, enquanto os professores atuaram





como mediadores de conhecimento. Dessa forma, a autonomia e o protagonismo estudantil foram desenvolvidas, como defende Ramos (2022), resultando em alunos mais críticos, motivados e com uma aprendizagem mais significativa.

É de suma relevância ressaltar que, além dos benefícios para a aprendizagem dos alunos, a realização da Feira de Matemática contribuiu significativamente para o processo de formação dos bolsistas do PIBID, que atuaram ativamente no auxílio à produção dos trabalhos durante as semanas de orientação, assim como, na organização e avaliação no dia do evento. Segundo Silva, Gonçalves e Paniágua (2017), o PIBID é importante por aproximar a escola da universidade, possibilitando colocar em prática a teoria estudada dentro da realidade escolar: os bolsistas podem buscar por soluções dentro do cotidiano da escola pública, assim adquirindo uma formação acadêmica com experiências concretas e aprendizados. Práticas como incentivar os alunos a pesquisarem, debaterem, construírem conhecimento e produzirem materiais, além de avaliar os trabalhos apresentados, proporcionam aos pibidianos o contato direto com os desafios e as possibilidades da docência, dessa forma, promovem também a oportunidade de desenvolvimento profissional.

Dessa maneira, a Feira de Matemática se mostrou como uma prática pedagógica amplamente relevante, pois contribuiu para a contextualização do conteúdo matemático, a prática da interdisciplinaridade, a valorização da construção ativa de conhecimento e a experiência que constitui os docentes pibidianos em formação inicial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Feira de Matemática foi repleta de aprendizados, tanto para os alunos quanto para os integrantes do PIBID. Ao longo das semanas de preparação e orientação, foi possível observar cada vez mais o envolvimento com os temas por parte das turmas, que participaram ativamente do processo: trazendo ideias, fazendo perguntas e, de fato, se dedicando na construção dos trabalhos. Foi visível perceber como a proposta despertou o interesse deles pela matemática, sobretudo por estarem trabalhando com situações concretas do dia a dia, como culinária, sustentabilidade, profissões e tecnologia. Já era previsto que os alunos demonstrassem maior interesse e motivação pela disciplina nessa ação, pois ela envolveu a matemática concreta, indo além de um conjunto de fórmulas e abstrações, aspectos que, segundo Silva (2023), estão entre as principais dificuldades do ensino de matemática, sendo responsáveis pela desmotivação dos alunos.

Figura 1- Apresentação da ideia da feira para os alunos.





Fonte: Autoria própria

Na figura 1, pode-se observar imagens dos primeiros dias de orientação para a Feira: do lado esquerdo, os pibidianos do turno da tarde estão apresentando e explicando como iria funcionar a atividade; do lado direito, a equipe da manhã fazia o mesmo. Naqueles dias, foram divididos os grupos e sorteados os subtemas para cada um. Já no começo do projeto, os alunos reagiram com ânimo e aprovaram a ideia. Foram orientados a pesquisar sobre os assuntos que iriam trabalhar e onde a matemática poderia estar presente naquilo.

Figura 2- Debate e análise das pesquisas individuais realizadas pelas turmas.



Fonte: Autoria própria

A Figura 2 contém registros da 2ª semana de orientação e retrata as turmas do 6º ano. Nos dias das fotos, os alunos apresentaram as pesquisas que foram instruídos a realizar na semana anterior, para debater com seus colegas de grupo. A equipe do PIBID acompanhou essa etapa, escutando os grupos, analisando as pesquisas de cada um e dando sugestões de como poderiam aprimorá-las, a fim de tornar o projeto mais completo. Naturalmente, nem todos da turma haviam levado suas pesquisas individuais, por motivos diversos. Diante disso, os orientadores conversaram atentamente com os alunos que se encontravam nessa situação e pediram para que levassem o material na semana seguinte.



Durante as semanas de preparação para a Feira, percebemos uma evolução considerável dos alunos, tanto nos níveis de aprendizagem quanto nos de autoconfiança. Ao decorrer dos encontros semanais, eles conseguiram debater com mais segurança, mostraram maior compreensão do conteúdo e revelaram-se mais preparados para a apresentação final. Foi comum vê-los argumentando entre si, compartilhando informações e reorganizando as ideias quando necessário. Tais ações representam uma aprendizagem ativa, com os alunos participando vivamente da construção do conteúdo.

Ramos (2022), destaca que metodologias ativas, como a utilizada, contribuem para o desenvolvimento cognitivo e a autonomia, o que pode tornar a aprendizagem mais significativa. Essa autonomia estudantil ficou ainda mais evidente quando alguns grupos, por conta própria, iniciaram a construção de maquetes antes mesmo de receberem orientações para isso, revelando também o engajamento e a motivação desencadeados nas turmas.

Figura 3- Produções dos alunos do 6º ano



Fonte: Autoria própria

A figura 3 mostra uma das maquetes citadas, produzida antes das orientações previstas: o grupo do 6º ano da tarde que ficou responsável por falar de Matemática na Engenharia, construiu uma casa utilizando palitos de picolé, folhas e pedras, a fim de representar o trabalho dos engenheiros civis. Na terceira semana de orientação, apresentaram sua construção, entusiasmados e orgulhosos do resultado. Além disso, demonstraram ser capazes de identificar onde a matemática é utilizada nessa profissão. Abaixo da foto da maquete, há fotos das orientações semanais dos turnos da tarde e da manhã, respectivamente. Nessa semana, todos os grupos começaram a produzir seus materiais de apresentação com o auxílio do grupo de organização, pois já possuíam a pesquisa completa e a compreensão dos conceitos matemáticos necessários.

Na quarta e última semana de orientação, as turmas ajustaram os detalhes finais de seus trabalhos. A essa altura do desenvolvimento do projeto, já podíamos notar o quanto



práticas que contextualizam a disciplina, utilizam metodologias ativas e promovem a interdisciplinaridade, fazem a diferença no processo de ensino-aprendizagem. Os alunos estavam motivados, comprometidos, buscando realizar a melhor apresentação possível e, o mais importante: mostravam uma compreensão satisfatória do conteúdo de seus trabalhos. Podemos observar na prática o que Chaves e Santos (2025) fundamentou ao dizer que a matemática, quando integrada com a realidade dos estudantes, é um avanço no processo educativo.

Na figura 4, uma semana antes da feira, os alunos estão apresentando os trabalhos finalizados para suas turmas, a fim de se prepararem para apresentar aos avaliadores e a comunidade escolar.

Figura 4- Primeira apresentação dos trabalhos, em sala de aula.



Fonte: Autoria própria

O ponto alto da atividade ocorreu em 6 de maio, Dia Nacional da Matemática e data escolhida para realizar a Feira. Ela aconteceu nos dois turnos, com as turmas apresentando após o horário do recreio. Contou com a presença da comunidade escolar, alunos de outros anos, professores de outras disciplinas e a equipe diretiva que pôde prestigiar e interagir com os grupos responsáveis pelos trabalhos.

Pela parte da manhã, as turmas do 6º ano A, 7º ano e 9º ano A apresentaram suas ideias, enquanto os pibidianos do turno da tarde avaliaram. Os trabalhos exibiram toda criatividade e empenho dos estudantes, e alguns destacaram-se pelo nível de apresentação oral e de material, que foram os critérios das fichas de avaliação. Durante a tarde, foi a vez dos alunos do 6º ano B, 8º ano e 9º ano B que apresentaram seus trabalhos confiantes, animados e demonstrando o conhecimento necessário. Foi um momento marcante e gratificante para a equipe de organização, que assistiu os seus orientandos apresentando com êxito.

Figura 5-Trabalhos que foram destaque.





Fonte: Autoria própria

Na figura 5, pode-se visualizar os trabalhos destaques do evento, são eles: Matemática na Medicina (6º ano B), Matemática nos Relógios (8º ano), Matemática para fazer Bolo de Cenoura (9º ano B), Valores de Produtos (6º ano A), Estatística da Luz (9º ano A), e Diferença entre carros elétricos e a gasolina (9º ano A).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da Feira de Matemática “A Matemática está em tudo” alcançou plenamente os objetivos propostos, em consonância com os princípios e metas estabelecidos por Zermiani (2002), idealizador das primeiras Feiras de Matemática no Brasil. Assim como o autor defende, buscamos despertar o interesse dos alunos pela disciplina, promover a integração da matemática com outras áreas do conhecimento e estimular a aprendizagem por meio da pesquisa e da prática.

Durante o processo de planejamento, orientação e execução do evento, observamos que os alunos se tornaram protagonistas do próprio aprendizado, compreendendo a presença da matemática em diversas situações do cotidiano e reconhecendo-a como uma ciência dinâmica e significativa. Possibilitando o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e criativas, além de promover o trabalho em equipe, o senso crítico e a autonomia.

Para nós, enquanto bolsistas do PIBID, a experiência contribuiu de forma marcante para a formação docente, proporcionando vivências práticas que aproximam a teoria acadêmica da realidade escolar. Estar inseridos nesse contexto possibilitou compreender de





maneira mais profunda os desafios e as potencialidades do ensino da matemática na escola pública, fortalecendo nossa identidade enquanto futuros professores.

Em síntese, a Feira de Matemática configurou-se como uma ação transformadora tanto para os alunos quanto para os pibidianos, reafirmando a importância de metodologias ativas e de práticas pedagógicas que aproximem a matemática da vida real, despertando curiosidade, encantamento e sentido na aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio e financiamento ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que tem sido uma oportunidade valiosa em nossas formações, por proporcionar experiências enriquecedoras no ambiente escolar, como a Feira de Matemática.

Estendemos nossos agradecimentos à escola que nos acolheu e recebeu durante o desenvolvimento da Feira, a EMEF Téo Vaz Obino, por abrir suas portas de maneira receptiva e contribuir para nosso aprendizado e crescimento profissional. A todos os professores, coordenadores e colegas que dividiram esse momento conosco, muito obrigada!

REFERÊNCIAS

CHAVES, H. F.; SANTOS, J. D. dos. Estudos culturais e educação matemática: valorização de saberes e experiências culturais no ensino da educação básica na Escola Estadual de Tempo Integral Álvaro Maia. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. e13931, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n4-058. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/13931>. Acesso em: 30 jul. 2025.

DA COSTA, Danilo; GONÇALVES, João Carlos; CANTINO, Roberta Cristina Gonçalves; MOURA, Rosilene da Silva. Sobre a interdisciplinaridade como conceito. **Revista Coleta Científica**, v. 5, n. 9, 2021. Disponível em: <https://mail.portalcoleta.com.br/index.php/rcc/article/view/59>. Acesso em: 30 jul. 2025.

LUNETTA E RODRIGUES GUERRA, Avaetê de; STROPARO, Telma Regina; DA COSTA, Michel; PIRES DE CASTRO JÚNIOR, Francisco; LACERDA JÚNIOR, Orivaldo da Silva; BRASIL, Melca Moura; CAMBA, Mariangela. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado (GeSec)**, v. 15, n. 7, São José dos Pinhais, PR, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/390112135_Pesquisa_qualitativa_e_seus_fundamentos_na_investigacao_cientifica. Acesso em: 26 jul. 2025.

NOVISKI, Nadine Friedrich; AVI, Peterson Cleyton; AVI, Emanueli Bandeira. O histórico das feiras de matemática no Brasil, e o processo de implementação da I Feira no Rio





Grande do Sul. In: **JORNADA DE EXTENSÃO**, 18., 2017, Ijuí. **Anais...** Ijuí: Unijuí, 2017. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijuí.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/7915/6650>. Acesso em: 22 jul. 2025.

PEREIRA, Maria de Fátima Gomes; PATROCÍNIO, Maria da Paz Pereira; ARAÚJO, Jefferson Flora Santos; BEZERRA, Francisca Adriana da Silva. A aplicação da matemática no cotidiano das pessoas: um estudo bibliográfico. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Especialização em Ensino de Ciências e Matemática) — Patos, PB: IFPB, 2021. 22 f.

RAMOS, Carlos Miguel Anizio dos. Metodologias ativas: contribuições para a construção do conhecimento matemático. 2022. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em Matemática) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Cajazeiras, Cajazeiras, 2022.

SILVA, José Roberto da. Uma proposta de abordagem etnomatemática em sala de aula. 2023. 39 f. **Trabalho Monográfico** (Graduação em Licenciatura em Matemática) — Instituto Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

SILVA, Sandro da; GONÇALVES, Mariana Dicheti; PANIÁGUA, Edson Romário Monteiro. *A importância do PIBID para formação docente.* [S. l.], 2018.

